LITERATURA DE CORDEL

ESCRAVO X CIDADÃO NA MONARQUIA BRASILEIRA

✦ ✦ ✦



JOSÉ GUILHERME TELES

Distribuição gratuita



Cordel digital produzido e distribuído por **netmundi.org** com autorização do autor.

INTRODUÇÃO

Este cordel se propõe
Comentar as relações
Entre a identidade
Racial e aspirações;
Escravidão que vigia
No Brasil; cidadania,
No XIX, ilações.

É estranho, sim, parece,
Relacionarmos então
Instaurar cidadania
E manter a escravidão.
Na independência altaneira
Toda alma é brasileira
Com sua emancipação.

Isso porque o Brasil
No momento comportava
Livres afrodescendentes
E população escrava;
As maiores, juntamente
Da América, continente.
O tráfico fomentava.

Surgindo como nação
No mundo ocidental,
O Brasil fez opção:
Monarquia liberal.
Todos livres e iguais,
Propriedade, ademais.
Era constitucional.
Nesse contexto foi que
Manter a escravidão
Foi o limite liberal
Da chamada geração
Que daquela independência,

De liberal influência,
Fraca aproximação.

Absorveu, adotou,
Um modelo limitado
Das ideias europeias
No Brasil, considerado:
Livre comércio, defesa
Da liberdade, grandeza.
Não vingou o esperado.

Antes do Brasil, no entanto,
No processo americano
Também a cidadania,
Embora republicano,
Foi pragmaticamente
Liberal e estreitamente
Escravista, sob o pano.

As Colônias, entretanto*,*
Na sua *Declaração*,
Proclamou nascidos livres,
Mesmo sem a abolição
Imediata, alargaram,
Também possibilitaram
Breve fim da escravidão.

É necessário, outrossim,
Deixar claro, conhecido,
Que esse liberalismo
Não foi, porém, esquecido
Pelo Brasil, mas também
Afro-América e dalém.
Só ficou enfraquecido.

Houve multiplicidade
De específicos processos,

Grande complexidade
Do liberalismo, egressos:
Escravo é propriedade;
Tráfico é impiedade;
Emancipação, acessos.

Por diferentes caminhos,
Finalmente a escravidão
Praticamente abolida
Na América em questão:
Americanos sulistas,
O Brasil, ambos *sofistas*;
Porto Rico e Cuba, então.

Os dois últimos, ainda,
As espanholas colônias,
Remanescentes do Antigo
Império, sem cerimônia.
Isso mostra o dinamismo
Que mantém o escravismo,
É claro, com parcimônia.

Para as sociedades
Daquele Antigo Regime
E para o cristianismo,
A escravidão redime.
A africana escravidão
Com a cristã religião,
Desigualdade dirime.

A noção de raça era
Construção do pensamento
Político europeu
Com americano fomento;
Para naturalizar
E então justificar
Esse recrudescimento.

ESCRAVO X CIDADÃO

O estatuto da *pureza*
Do sangue em Portugal
Limitava o acesso
A todo cargo formal.
Apenas velho cristão
Não sofria exclusão,
Era a regra natural.

Mas aos poucos, entretanto,
Essas tais *Ordenações*
Restritoras de direitos
Sofreram alterações.
Aos poucos foi permitindo,
Minorias incluindo,
Abolindo restrições.
Mais consistentes, porém,
No governo de Pombal,
Resgatando judeus, mouros,
Indígenas, afinal.
Descendentes de africanos,
Como dito, sob os panos,
Somente no Imperial.

O império português,
Como *antiga sociedade*,
Entendia por divina
Sua autenticidade.
Isso significava,
Se *gentio* escravizava:
Pura religiosidade!

O comércio de escravos
Na África implicava
Amplas negociações
Com a elite que o mediava,

Vertida ao catolicismo,
Tendo aos lusos, adesismo
Ela se imunizava,

Podendo escravizar
Quem não fosse convertido,
Através da Guerra Justa,
Para ser admitido
À fé católica então,
Pra evitar a escravidão
E o ateísmo é esquecido.

Segundo estimativas,
No final colonial
Mais de três milhões e meio
É o populacional
Do Brasil; quase a metade,
Entretanto, na verdade,
Era escrava, afinal.

Mas em 80, outrossim,
Os livres, classificados
Como pardos, representam
Um terço, são estimados.
Muitos deles, entretanto,
Tem seus escravos, portanto,
Aceitos, considerados.

A categoria *parda,* é
Do fim do colonial
E é bem mais abrangente
Que a *mulato*, original;
Ligado à mestiçagem,
Branco e negro, *ancoragem*,
O modelo, afinal.

As verdades, *preto* e *negro*:

Negro, escravo africano,
Mas também *negro da terra*:
O índio sul-americano.
Preto também é crioulo,
O pardo livre é *brioulo;*
Negro, escravo *veterano*.

Pardo livre, remetia
À africana ascendência,
Assim como cristão novo,
À judaica prevalência.
A diferenciação
À branca população;
Mancha de sangue, essência.

Boa parte, entretanto,
Da parda população
Pretendia ter escravos,
No recôncavo, a questão
Era clara, grande parte,
Libertos, pardos, destarte,
Tinha escravos, então.

A Carta de 24,
Lusos naturalizou,
A *trama dos alfaiates*
Pardo e branco unificou.
Mas no Rio e Salvador,
Nova linguagem no *andor*:
Cabra – Caiado imbricou.

No início das Regências
Proliferaram pasquins
Lutando pela igualdade
Dos brasileiros e afins;
Cobrando a Constituição:
Só escravo e cidadão,

Seja liso ou *pixaim*.

Essa Carta revogou
A mancha de sangue, então
Mas criou dispositivo:
Censitária obstrução.
Sem renda, era *passivo*;
Com pouca, *votante ativo*
E o com muita, *cidadão*,

Que além de plena renda
Precisava a distinção:
Ser ingênuo de nascença,
Não nascido escravo então.
Assim, mesmo alforriado,
Não era considerado
Súdito nem cidadão.

A escravidão mantinha,
Dos direitos, restrição,
É o que hoje conhecemos
Como discriminação,
Chamada de racial,
Uma questão crucial
Praquela população.

O Mulato, em trinta e três,
Em artigo afirmou
Que: “o branco moderado,
Guerra ao negro declarou,
Que via no cidadão
De cor, diferenciação”.
Assim nota circulou.

A simples introdução
Da cor no recenseamento
Daquela população

Gerou inquietamento.
Medos generalizados
E revoltas de armados
Contra o regulamento.

Após a independência
Não cabia tolerar
A tradição portuguesa
De por *cores*, separar:
O dos *Henriques*, forrados,
O dos *Pardos* já *livrados*
E o dos *Brancos*, ímpar.

Em Trinta e oito, durante
A Maranhão Balaiada,
Balaios denunciaram
Castigo de chibatada.
Além de meter no tronco,
Sobretudo o porronco,
Dando-lhe até bofetada.

Vale a pena esclarecer:
Entretanto, a abolição
Não era solicitada
Como reivindicação
No motim dos Alfaiates,
De variados quilates.
Baiana Conspiração.

Não apenas as elites
Escravistas da cidade
E do Recôncavo usavam
Direitos à propriedade.
Muitos pardos e libertos,
Podem crer, estejam certos,
Tinham essa ambiguidade.

Os crioulos ansiavam
Firmemente coroar:
Escravidão de cativo
Africano, efetivar.
Então oportunamente,
Num Brasil independente,
Liberdade conquistar.

Na visão de um francês:
Finalmente os brasileiros
Perceberam que é tempo
De arrumar os *tabuleiros*.
A palavra Liberdade,
Se acatada de verdade
Pode acender braseiros.

O medo da ocorrência
D'uma *haitianização*
Se espalhava pela elite
Daquela população;
De revolta na senzala,
Numa tão grande escala
Pondo fim à escravidão.

Por todo aquele *Primeiro*
Reinado e o *Regencial*
O debate adquiriu
Viés constitucional.
A *boa sociedade*
Gostaria de verdade,
Desse discurso, o final.

Gomes, o líder balaio,
Desejava igual direito;
Cosme, líder no Ceará,
O escravismo desfeito.
Buscavam a afirmação

Pela Constituição
De igualdade, efeito.

Apesar da violenta
Repressão que se instaurou,
Igualdade e liberdade
Inda tímida ecoou;
Mas com legitimidade
Da escrava propriedade,
Escravo e livre endossou.

O nosso liberalismo
Manteve concentração
Sobre o tráfico africano
E seu comércio, então.
Esse distanciamento
Causou em algum momento,
Às senzalas, confusão.

No fim do colonial
Houve recrudescimento
Do tráfico africano
Pelo açúcar crescimento.
No Recôncavo primeiro
Depois no Rio de Janeiro,
Que sofreu forte fomento.

Início do XIX,
Benin, costa africana
Teve tráfico aumentado
Para a região baiana.
Os africanos em guerra
Enviaram *pressa* terra,
Para a cultura da cana.

Eram jovens pertencentes
A exércitos derrotados:

Haussás, Jejês e *Nagôs*
Por outros escravizados;
Caracterizações:
Um ciclo de insurreições,
Aos *Malês*, islamizados.

Surpreendente, porém,
Foi a associação
De inimigos africanos
Com a dos *Forros*, coesão.
Incapazes, entretanto,
Pros *crioulos*, acalanto.
Seguiram claro padrão.

No Rio de Janeiro, *bantos*
Congo-Angola, formarão
Quase a totalidade
Da escravaria, então.
E do medo, o surgimento,
Reforça o argumento:
Ao tráfico, repressão;

As lutas de *Liberais*
Contra os *Conservadores*
Era *pra* legitimar
A escravidão, senhores.
E propunham, ademais,
Diferenças sociais.
Enfrentaram dissabores.

As restrições censitárias
Davam reconhecimento,
Também legitimação
Para certo estamento:
Direitos senhoriais,
Hierarquias sociais
Nesse português momento.

Esse voto censitário
Legitima as relações
Entre a propriedade
E suas considerações.
A historiografia,
Não registra a monarquia,
Por isso, rebeliões.

ANTÔNIO REBOUÇAS
Para isso ilustrar,
O Rebouças, Conselheiro
Que ascendeu socialmente,
Uma agulha no palheiro.
Tornou-se advogado,
Conselheiro de Estado,
Até a Ordem do Cruzeiro.

Jornalista e deputado
Na Assembleia da Bahia;
Seus discursos contundentes,
A Câmara acolhia.
Jurídicos comentários,
Dentro e fora dos plenários
Sua fama só se amplia.

Não foi apenas Antônio,
Outros dois irmãos também
Conseguiram suplantar
Mancha de sangue d'aquém:
José Pereira, maestro;
Manoel Maurício, destro,
Na Medicina faz bem.

Em trinta e dois discutiu-se
As Milícias nacionais;
Quem poderia assumir

Na Guarda, oficiais.
Rebouças argumentava,
Nossa Carta não vedava
A não-ingênuos, canais
De ascensão, exigindo
Só virtudes e talentos,
Dando-lhes cidadania
Para atingir seus intentos.
Renda e propriedade,
Para ele, é verdade,
Permite pertencimento.

RADICALISMOS

Oposto ao elitismo
Também à moderação
De Rebouças, *Luis Gama*
Cria na abolição.
Também negro e advogado,
Político destacado,
Por mérito, ascensão.

Em quarenta e oito, livre,
Na Força Pública, praça;
Depois foi amanuense
E a literatura abraça.
Publicou *Trovas burlescas*,
Com críticas pitorescas
Sobre problemas de raça.

Em sessenta, jornalista,
Militou no Liberal,
Depois no Republicano
Até da vida o final.
Rebouças e Luis Gama
Viveram a mesma trama,
Mesmo Gama um radical
Na trajetória de Gama

É mostrada claramente,
Encontro de tradições:
A luta é intermitente
Contra o latente racismo,
Por isso o abolicionismo
Teve na vida presente.

De que forma a trajetória
De outro afrodescendente
Pode ser tão apagada
Tão clara e cabalmente?
Novo conceito de raça
Que se instalou na *praça*
De um modo impunemente.

Esse conceito de raça,
Censo de setenta e dois
Prima pelo status/cor,
Pautando o que vem depois:
Preto, branco, índio e pardo;
Para o branco é resguardo,
Para o negro, ora, pois!

A crescente aceitação
De raça nesse contexto
Impediram André Rebouças
E Patrocínio, escorreito,
Encarassem a questão
Da racial segregação
Pelo limite, estreito.

(Baseado em *Escravidão e Cidadania no Brasil Monárquico*, Hebe Maria Mattos, Zahar, 2000)



O AUTOR

JOSÉ GUILHERME Soares TELES, nasceu em Belém, Pará, em 25 de junho de 1949. É pai de seis filhos e avô de quatro netos. É jornalista, cordelista (acadêmico da ABLC, cadeira nº 13) e Professor. Se classifica como aprendiz de poeta.

Entre 2017 e 2020 publicou mais de 70 cordéis. Também em 2017, pela Editora Labrador, lançou o livro Pequena História do Rio de Janeiro, em cordel sextilha, com um glossário dos fatos históricos cordelisados na obra.

Em 2020 já publicou, além de folhetos, dois livros em cordel com ISBN, Poemeus II e Filosofando, a História da Filosofia. Além desses, publicou seu primeiro romance: Os Meninos da Mangueira e o livro infanto-juvenil: A Menina que perdeu a cabeça e outras histórias. *Chico Salles, o Menestrel, Luiz Gonzaga, o mestre do baião entre outros.*

E-mail: barreirotell@gmail.com

Tel.: (21) 99888-3013